



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

É deveras curioso o facto de Jesus desenvolver a sua vida pública entre dois grandes banquetes: começa-a nas Bodas de Caná e termina-a na Última Ceia. No primeiro, a água é transformada em vinho, devolvendo a alegria onde a tristeza, a monotonia, a frieza e o vazio dos ritos já se tinham apoderado de uma relação que foi instituída como protótipo de felicidade; no segundo, aquilo que era simples lembrança e comemoração de uma Páscoa distante, se converte em memorial perene, onde a salvação se concretiza e actualiza e o Corpo e Sangue do Mestre são oferecidos “por nós e por todos, para a remissão dos pecados”.

E é ver Jesus, não poucas vezes, aqui e acolá, em casa deste ou daquele, quase sempre em casa de publicanos e pecadores, sentado à mesa, degustando as iguarias partilhadas, possibilitando o Reino e habilitando os comensais à salvação. Quando a Escritura tanto nos fala de festas, e vemos Jesus nelas envolvido, porque será que a Igreja, e muitos dos seus ritos e rituais, se não todos, e muito da sua forma de ser e estar, pouco ou nada nos remete a festa? Se calhar, pela pouca dimensão festiva e por uma ementa de iguarias pouco apetecível é que, cada vez mais, outros são os “restaurantes” procurados e outros são os banquetes requeridos.

A promessa é de um grande banquete, ou não fosse Deus um “Homem” de festas, um banquete onde todos têm lugar e há lugar para todos, sem qualquer tipo de excepção ou condição, um banquete ao jeito de “Sopas do Espírito Santo” onde não há lugares marcados e ninguém se senta à pala de algum título, por mais eclesial que seja, onde nunca falta comida e bebida. Um banquete tão poderoso nas suas iguarias que enxuga lágrimas e destrói a morte para sempre. E enquanto o Senhor nos prepara um banquete e nos convida a nele participarmos, vamo-nos, tantas vezes, contentando com “lanchinhos” e “merendas” que, ao jeito do “fast-food”, apenas servem para a engorda: atenção que gordura já não é sinal de formosura! Ao invés de gordos, Deus quer-nos saudáveis!

A mesa foi posta, aliás, está sempre posta e, embora os convites tenham sido atempadamente distribuídos, e mesmo não havendo lugar a pagamento de prato ou à entrega de qualquer oferta, não falta quem prefira ficar nas suas coisas e lides, mesmo que para isso tenha de comer pão com manteiga; quem prefira sentar-se num cantinho e abrir solitariamente a sua cestinha comendo “sandes de fraqueza” na tentativa de enganar uma fome que há muito se revela insaciável, e quem nunca se achou digno de se sentar em tão honrada mesa, talvez por sempre se sentir à margem de uma festa que lhe é devida, quem nunca sentiu a alegria de um “vinde e vede”, esses, porque sempre disponíveis para a novidade do Mestre, deixam-se entrar e sentar, degustando as iguarias de uma mesa que nos posiciona noutra patamar, numa realidade realizável e realizadora.

É pena que muitos já se sentem saciados, arrotando religioso, mas pouco “comeram” de cristianismo, muitos para quem as jantaras do poder, do prestígio, do prazer e demais aspirações já encham a barriga e, apesar de tudo, mesmo sabendo que há um lugar a eles destinado, preferem deixar a cadeira vazia! Há vazios que podem custar a felicidade!

Bem canta o padre Zezinho: “são muitos os convidados. Quase ninguém tem tempo!” E pior que não ter tempo é não sentir fome! É não ter apetite!

Senhor do “bom apetite” – dai-nos fome!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XXVIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura Isaías 25, 6-10a

«O Senhor preparará um banquete e enxugará as lágrimas de todas as faces»

2ª Leitura Filipenses 4, 12-14.19-20

«Tudo posso n'Aquele que me conforta»

Evangelho São Mateus 22, 1-14

«Convidai para as bodas todos os que encontrardes»

A Palavra do Senhor deste 28º Domingo do Tempo Comum recorre à imagem do “banquete” para descrever o mundo de felicidade, de amor e de alegria sem fim que Deus quer oferecer a todos os seus filhos.

Na primeira leitura, Isaías anuncia o “banquete” que um dia Deus, na sua própria casa, vai oferecer a todos os Povos. Acolher o convite de Deus e participar nesse “banquete” é aceitar viver em comunhão com Deus. Dessa comunhão resultará, para o homem, a felicidade total e a vida em abundância.



O Evangelho sugere-nos que é preciso “agarrar” o convite de Deus. Os interesses e as conquistas deste mundo não podem distrair-nos dos desafios que Deus nos lança. A opção que fizemos no dia do nosso baptismo não é, nem pode ser, “conversa fiada”; é um compromisso sério, que deve ser vivido de forma coerente; A questão decisiva não é se Deus convida ou se não

convida; mas sim se se aceita ou não se aceita o convite de Deus para o “banquete” do Reino. Na parábola, os convidados que aceitaram o convite representam todos aqueles que, apesar dos seus limites e do seu pecado, têm o coração disponível para Deus e para os desafios que Ele faz. Percebem os limites da sua miséria e finitude e estão permanentemente à espera que Deus lhes ofereça a salvação. São humildes, pobres, simples, confiam em Deus e na salvação que Ele quer oferecer a cada homem e a cada mulher e estão dispostos a acolher os desafios de Deus.

São Paulo, na segunda leitura, apresenta-nos o exemplo concreto de uma comunidade que aceitou o convite do Senhor e vive na dinâmica do Reino: a comunidade cristã de Filipos. Trata-se de uma comunidade generosa e solidária, verdadeiramente empenhada na vivência do amor e em testemunhar o Evangelho diante de todos os homens. A comunidade de Filipos constitui, verdadeiramente, um exemplo que as comunidades do Reino devem ter presente.

SABIAS QUE...



... a encíclica *Fratelli Tutti* de autoria do Papa Francisco, assinada no passado Sábado, 3 de Outubro, é já o 299º documento deste género na história da Igreja Católica?

Uma encíclica é uma “carta que o papa envia a todos os bispos, ou aos bispos de determinada região, para dar conhecimento do seu pensamento sobre pontos de fé, de moral, do culto e da disciplina, ou sobre outros aspectos relativos ao governo da Igreja.

Assim, e com origem no grego, a palavra encíclica significa ‘circular’, carta que o Papa enviava às Igrejas em comunhão com Roma, com um âmbito universal,

na qual demonstra e coloca a sua autoridade enquanto máximo e primeiro responsável pela Igreja Católica.

É, pois, uma forma muito antiga de correspondência eclesial, sendo que quando são nelas abordadas temáticas relativas a questões sociais, económicas ou políticas, as encíclicas são dirigidas não só aos católicos, mas também a todos os homens e mulheres de boa vontade, uma prática iniciada em 1963 pelo Papa São João XXIII na sua encíclica *Pacem in terris*.

Habitualmente, cada encíclica assume por título o início do seu texto em latim, como é o caso da mais recente encíclica do Papa Francisco – *Fratelli Tutti* – e a anterior – *Laudato Si*.

A título de curiosidade, assinala-se que o Papa mais “produtivo” na publicação de encíclicas foi Leão XIII com 86, apesar de muitas delas, à luz dos critérios actuais, seriam classificadas como cartas apostólicas e não como encíclicas, referindo-se, ainda, São João Paulo II com a publicação de 14 documentos deste tipo.

Como jovens e menos jovens católicos façamos, deste modo, um esforço para ler e meditar as palavras que o Papa Francisco nos dirige na sua mais recente encíclica *Fratelli Tutti*.

POR CÁ

Diocese de Angra e Ilhas dos Açores mantém Caminhada Sinodal



A Igreja diocesana dos Açores vai prosseguir no próximo ano a sua caminhada sinodal procurando auscultar várias sensibilidades com a “maior eficácia possível”, “incluindo aos que estão fora” da própria Igreja.

Esta foi uma das conclusões da Assembleia Diocesana, que reuniu os membros dos Conselhos Presbiteral e Pastoral Diocesano, entre 2 e 5 de Outubro em Ponta Delgada.

Para dar continuidade a esta caminhada sinodal foram indicadas cinco prioridades de reflexão: “Igreja Evangelizadora; Igreja em permanente Diálogo com o mundo; Igreja Comunitária e participativa em todos os seus membros; Igreja Integradora, com os pobres, que escuta o grito dos que sofrem e Igreja Missionária”, pode ler-se no comunicado.

Durante a Assembleia estiveram em reflexão três temas – A Igreja e os rumos da cultura hoje, a situação social e económica dos Açores e a identidade religiosa e eclesial no arquipélago - que

“mereceram um aprofundamento e debate na Assembleia”.

Os conselheiros consideram importante que diante de uma cultura “onde predomina o absoluto da ciência e onde Deus está ausente” a Igreja seja capaz de propor “um regresso à fidelidade ao Evangelho para que a criatividade das novas gerações possa dispor do fermento para operar a transformação de um mundo já antigo”. Por outro lado, foi defendido que “a Igreja deve cooperar na sinalização, identificação e até denúncia das situações de carência e exclusão, promovendo uma “pastoral de proximidade”, incrementando o voluntariado.

Do debate resultou ainda uma maior exigência na dinamização das comunidades paroquiais que devem merecer mais envolvimento e um novo cariz missionário.

Esta Assembleia foi a primeira do género realizada na Diocese, depois do Congresso de Leigos, na década de 90 do século XX, colocando no mesmo plano de igualdade leigos e presbíteros.

POR LÁ

“Fratelli Tutti”: Nova Encíclica do Papa Francisco

O Papa Francisco assinou no passado Sábado, em Assis, a encíclica ‘Fratelli Tutti’, 299.º documento do género na história da Igreja Católica, e que foi publicada no Domingo após a Oração do Ângelus, na Praça de São Pedro, em Roma.

Nesta Encíclica, o Papa Francisco traça um cenário de “sombrias” para denunciar o que qualifica como “globalismo” do mercado de capitais, que responsabiliza pelo aumento de desigualdades e injustiças sociais: “O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes económicos transnacionais”, escreve Francisco, num texto dedicado

à “fraternidade e amizade social”.

O documento, apela a uma “globalização dos direitos humanos mais essenciais” e aponta, como exemplos, a necessidade de erradicar a fome ou combater o tráfico de pessoas e “outras formas actuais de escravatura”, que apresenta como “vergonha para a humanidade”.

O Papa Francisco sublinha ainda a necessidade de assumir “valores permanentes” e rejeita o relativismo, que se impõe “sob o véu duma presumível tolerância”: “Se devemos, em qualquer situação, respeitar a dignidade dos outros, isto significa que esta não é uma invenção nem uma suposição nossa, mas que existe realmente neles um valor superior às coisas materiais e independente das circunstâncias e exige um tratamento distinto”, precisa o Papa Francisco.



ENTRE NÓS...

Jovens chamados a ser santos?!



Nos dias em que vivemos, em que a informação se torna mais acessível, sobretudo pelos meios digitais, como é bom saborearmos as histórias dos santos, os seus feitos, os seus modos de vida, as suas convicções. E como admiramos a sua determinação e os exemplos de vida que nos transmitem.

É fascinante pensarmos como aquelas pessoas foram escolhidas, para darem testemunho de uma forma tão exemplar que, não fossem os relatos e escritos deixados, iríamos tê-las apenas como bonitas histórias que alguém inventou. Até porque, se a vida do vizinho nos parece sempre melhor, certo é que nos convencemos que a realidade de outros tempos era bem mais propícia à santidade.

Pois bem, lemos e relemos e parece que nada aprendemos!

Vejamos novamente a passagem do evangelho de São João - “Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça”. Jesus, desde o tempo em que foi enviado pelo Pai, nos deixou este convite à santidade, a dar “fruto que permaneça”. E um convite a toda a comunidade, não só a alguns.

Para este chamamento, em que todos são incluídos, não existem pré-requisitos para se seguir o modelo da santidade. Um tipo de vocação específico, um período da História ou até mesmo uma idade. E como as notícias fazem sensação, ao menos que nos despertem.

O anúncio da beatificação do jovem

italiano Carlo Acutis, um adolescente de 15 anos, já nascido neste novo milénio, é sinal vivo do chamamento que se mantém atual, não é algo dos tempos passados.

E, reforçando a ideia, todos nós, sem exceção, no nosso quotidiano, somos chamados “para sermos santos e irrepreensíveis”, conforme nos relembra a Carta aos Efésios. E esta vivência é tão mais verdadeira quando fazemos da nossa vivência diária um “hino de Louvor” ao Pai por tudo o que nos concede e que nos permite ultrapassar.

Parece fácil e difícil ao mesmo tempo. Melhor mesmo é ir concretizando em simples gestos. Tantas vezes que no trânsito insultamos alguém que se engana numa manobra, em vez de pensarmos que nós, por vezes, também fazemos estas pequenas asneiras. Ou quando alguém nos dirige a palavra num tom mais agressivo, será que a nossa reação, em vez de responder, não pode ser a de acalmar e pormos no lugar do outro, percebendo o seu ponto de vista?

Ser santo começa nestes gestos quase insignificantes. Fazer viva a Palavra no pouco levar-nos-á a feitos maiores.

Afinal, deixou-nos Jesus esta mesma afirmação no evangelho de São Mateus - “Muito bem, servo bom e fiel! Foste fiel no pouco, muito confiarei em tuas mãos”.

E não olhemos para esta nova realidade tecnológica como um entrave, mas como um meio para se conseguir caminhar firmemente neste caminho com Jesus, como o fez o jovem Carlo Acutis. Da mesma forma que quando cavamos, fazemos um buraco, também neste buraco poderemos plantar uma árvore, que dará fruto. Tudo dependerá de como encararmos a situação e da atitude que tomarmos.

Façamos da nossa vida um exemplo de santidade. Digamos sim a esta missão a que somos chamados, sem desculpas ou lamúrias. E fiéis no pouco, grande feitos o Senhor nos concederá, na certeza de que no caminho para a santidade seremos mais felizes e seremos construtores do Amor que o mundo tanto anseia.

Vamos assumir o nosso compromisso e fazer da santidade uma realidade?

Luís Toste
Serviço de Apoio à Pastoral Juvenil